

# O Curso de Linguística Geral e suas possíveis leituras a respeito da teoria do valor<sup>1</sup>

Matheus Silveira Hugo

Mestrando/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** O presente artigo pretende mostrar as diferentes recepções do *Curso de linguística geral*, editado por Bally e Sechehaye a partir dos cursos de linguística geral ministrados por Saussure, tomando por base a particularidade de um texto cuja autoria não é reclamada por ninguém, assim como a incompletude de um pensamento em formação. Pretende-se analisar como a teoria do valor está posta no CLG e quais leituras essa teoria suscitou, com base em autores como Claudine Normand, Françoise Gadet e Simon Bouquet, os quais assumem posições diferentes em relação à validade do texto de 1916, se comparado aos escritos originais de Saussure.

**Palavras-chave:** Curso de Linguística Geral; teoria do valor; autenticidade.

**Abstract:** This article shows the different receptions of the “Course in General Linguistics”, edited by Bally and Sechehaye based on general linguistics courses taught by Saussure, taking into account the particularity of a text which is not claimed by anyone, as well as the incompleteness of a thought. We intend to analyze how the theory of value is defined in CGL, based on authors like Claudine Normand, Françoise Gadet and Simon Bouquet, who take different positions in relation to the authenticity of the CGL, compared to the original writings of Saussure.

**Keywords:** Course in General Linguistics; theory of value; authenticity.

**Resumen:** En este trabajo se pretende mostrar las diferentes recepciones del “Curso de Lingüística General”, editado por Bally y Sechehaye sobre la base de los cursos de lingüística general impartidos por Saussure, teniendo en cuenta la particularidad de un texto que no es reclamado por nadie, al igual que el carácter incompleto de un pensamiento. La intención es analizar cómo se coloca la teoría del valor en el CLG, basada en escritores como Claudine Normand, Françoise Gadet y Simon Bouquet, que toman diferentes posiciones con respecto a la autenticidad del texto de 1916 en comparación a los escritos originales de Saussure.

**Palabras clave:** Curso de Lingüística General; teoría del valor; autenticidad.

---

<sup>1</sup> Recebido em 28 de junho de 2013.

## Introdução

Em 1916, ano de publicação do *Curso de linguística geral* (CLG) editado por Charles Bally e Albert Sechehaye com base nos cursos de linguística geral ministrados por Ferdinand de Saussure, dá-se a fundação da linguística moderna, que define como seu objeto de estudo a *língua*. É curioso que ninguém reclame a autoria de um texto tão importante historicamente, já que os editores deixam claro que tentaram fazer uma reconstituição do pensamento de Saussure com base nos materiais de que dispunham na época – os cadernos dos alunos participantes dos cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 – sem, no entanto, assumirem o posto de autores do texto de 1916. Saussure, tampouco, pode ser considerado autor do CLG, uma vez que falecera três anos antes de sua publicação por Bally e Sechehaye.

Tais peculiaridades exigem que se faça uma leitura atenta do CLG; o texto de 1916 deve ser lido em sua incompletude, sem jamais procurar nele uma obra acabada, bem organizada e livre de qualquer ambiguidade que possa vir a confundir um leitor ingênuo pronto para criticá-la devido a esse aspecto. É com base nisso que Claudine Normand (2007) afirma que só se pode fazer leituras pessoais de Saussure, o que impõe ao leitor escolhas e interpretações e, ao mesmo tempo, esquecimentos e reduções, constituindo uma leitura inquietante de um pensamento e as dificuldades de elaborá-lo, bem como de fazê-lo ser entendido. De acordo com Normand (2007),

Cada geração de leitores produziu, e continua produzindo, seu modo preferencial de leitura, marcado pelo contexto intelectual da época, tanto que seria possível fazer a história do pensamento saussuriano, assim como a de suas interpretações, ao longo de um século. (Normand 2007: 2)

É por esse motivo que ninguém pode exigir a verdade de uma teoria saussuriana ou um projeto autêntico de suas ideias. O CLG é um texto que deve ser lido em sua história, tanto que teve diferentes recepções ao longo do século XX. Em 1916, conforme Colombat (2010) e colaboradores, o texto foi visto, equivocadamente, como uma obra histórico-comparativa, pois estava associada aos estudos comparativos realizados por Saussure anteriormente. Mais tarde, a partir dos anos 20, o texto é visto como um ponto de apoio para o estudo da linguística, mais especificamente para os estudos estruturalistas. Alguns anos depois, assumiu um valor de manifesto, em que linguistas se mostravam contra ou a favor de tal pensamento.

Conforme Normand (2007), o CLG é ainda um texto de ideias, pois apresenta uma reflexão original a respeito da linguagem e da especificidade do objeto língua e, por isso, deve ser lido, como tantos já o fizeram, com grande proveito. Não se deve julgar o texto pela sua referência (ou não) a um autor consagrado, mas pelo que comporta em si mesmo.

Dessa forma, Normand (2009) critica o pensamento extremista de Simon Bouquet em busca de um “verdadeiro Saussure”, colocando o CLG à margem dos estudos saussurianos com a afirmação de que o texto de 1916 deforma completamente o pensamento do mestre genebrino, considerando-o despojado de qualquer valor.

Bouquet (2009) afirma que Bally e Sechehaye impediram por um longo tempo o acesso a um pensamento muito mais original e infinitamente mais sutil e mais forte do que o apresentado na sua “vulgata” (Bouquet 2009: 162). Para Bouquet (2009), os editores foram responsáveis, apesar das ressalvas presentes no prefácio à primeira edição do CLG, por atribuir a autoria do texto a Saussure, apresentando a eles próprios como editores. Conforme Bouquet (2009) esse fato configura um “abuso terminológico” (Bouquet 2009: 162) e, por isso, prefere considerar o CLG como um texto apócrifo.

Seguindo, ainda, uma linha extremista, Bouquet (2009) afirma que mesmo após haver um retorno às fontes do pensamento saussuriano – com a publicação, em 1957, de *As fontes manuscritas* por Robert Godel – o CLG continua marcado pelo seu peso acadêmico e a própria publicação de Godel acaba por reforçar o paradigma do texto de 1916.

Segundo Normand (2009), que se mostra contra a posição extremista adotada por Bouquet, o objetivo de Godel era permitir uma exegese, comprovando, pela confrontação dos textos, a consciência e a inteligência dos editores. Para a autora, deve-se procurar manter um meio termo para a problemática, em que a leitura do CLG seja mantida na perspectiva de que este foi escrito com base nos cursos ministrados pelo mestre genebrino, considerando seus efeitos históricos como relevantes para a epistemologia da linguística. Ao mesmo tempo, não se deve ignorar as fontes, trazendo-

as para a reflexão em conjunto com a leitura do CLG, permitindo tornar ambos os textos mais claros na sua incompletude.

Tendo em vista o ponto de vista adotado por Simon Bouquet – o qual busca insistentemente um verdadeiro Saussure, considerando o CLG despojado de qualquer valor e deformador do pensamento saussuriano – e o ponto de vista intermediário adotado por Claudine Normand e outros autores, como Françoise Gadet, o presente artigo pretende mostrar como a teoria do valor aparece no CLG, como as autoras leem a teoria do valor no *curso* e como Bouquet a considera deformada em alguns pontos pelos editores.

### **O valor linguístico no CLG**

Para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, deve-se considerar dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento, as ideias e os sons. Esses dois elementos, conforme o CLG, constituem duas “massas amorfas” (Saussure 2006: 130), em que o papel da língua seria servir de intermediária entre o pensamento e o som, a fim de conduzir a delimitações recíprocas de unidades. Tal afirmação permite concluir que não existem ideias pré-estabelecidas, uma vez que som e ideia, separadamente, nada representam além de duas massas amorfas que irão adquirir sentido quando forem unidas pela língua; é impossível separar o som do pensamento e vice-versa.

A linguística trabalha, então, no terreno limítrofe onde os terrenos das duas ordens se combinam, dando origem a uma forma. Saussure (2006) afirma que a união dessas duas ordens é arbitrária: o laço que une o significante (imagem acústica) ao significado (plano das ideias) é imotivado, não existindo, dessa maneira, ideias pré-determinadas. O que configura uma ilusão considerar, em um termo, apenas a união de um certo som a um certo conceito, pois isto seria isolá-lo do sistema do qual faz parte.

Para Saussure (2006), se o princípio da arbitrariedade do signo não se mantivesse, a noção de valor perderia algo de seu caráter, uma vez que conteria um elemento imposto de fora. Gadet (1996: 66) informa que o CLG apresenta a seguinte afirmação “os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a idéia e o som é radicalmente arbitrário”. Conforme Gadet (1996) essa relação é um pouco distorcida no CLG, devido a um erro dos editores: para a autora o correto seria “os valores continuam a ser inteiramente relativos porque a ligação é perfeitamente arbitrária”. Logo, “essa modificação é responsável por apresentar como consequência o que, na verdade, é a causa” (Gadet 1996: 66). De qualquer forma, a arbitrariedade possibilita compreender porque o fato social pode criar um sistema linguístico, sendo a coletividade necessária para estabelecer os valores dos signos.

Para desenvolver a teoria do valor, Saussure coloca-se diante de três pontos de vista. O primeiro seria o ponto de vista do significado. Nesse caso, Saussure empenha-se em distinguir *valor* de *significação*.

Para o autor, o valor constitui um elemento da significação, contudo os termos remetem a relações diferentes. O próprio Saussure admite a dificuldade de distinção e a facilidade em haver confusão entre os termos. Então, segundo o CLG, a significação seria a contraparte da imagem auditiva, estando encerrada nos limites da palavra considerada como um domínio fechado; o valor, por sua vez, resulta da presença simultânea de outros signos, ou seja, a relação já não está mais limitada à palavra, mas reclama uma relação que une dois ou mais elementos do sistema. Isso permite concluir que a significação está na dependência do valor, contudo, a relação no interior do signo (significação) e a relação dos signos com outros elementos do sistema (valor) ocorrem de maneira simultânea na mente do sujeito falante, não havendo uma hierarquia entre elas, pois ambas são necessárias para o uso da língua. Conforme Claudine Haroche (2007) e colaboradores, o princípio da subordinação ao valor pode ser considerado como o centro da ruptura saussuriana, pois é esse princípio, estreitamente ligado à ideia de língua como sistema, que abre a possibilidade de uma teoria geral da língua.

Para Saussure, os valores parecem estar regidos por um princípio paradoxal, pois são suscetíveis de serem trocados por algo dessemelhante e de serem comparados com coisas semelhantes. No caso dos signos, pode-se trocar uma palavra por algo dessemelhante, uma ideia, e se pode compará-la com algo da mesma natureza, uma outra palavra. É dessa relação simultânea no interior do signo e do signo com outros elementos do sistema que surge o valor; um

elemento da língua adquire valor de forma negativa, pois é aquilo que os outros não são, só existe na relação e, por esse motivo, é impossível que existam ideias dadas de antemão, pois “os valores emanam do sistema” (Saussure 2006: 136).

O segundo ponto de vista seria o do significante. De acordo com o CLG, a parte material do signo também é constituída unicamente de relações, pois o que interessa na palavra são as diferenças fônicas que a distinguem das outras e não o som por si só, já que este não pertence à língua. Isso prova, mais uma vez, que a língua é forma e não substância, uma vez que o som, apenas, não representa nada além de uma massa amorfa. Essa parte da teoria saussuriana influenciou os estudos de fonologia do século XX, uma vez que o mestre genebrino postulou que os fonemas são entidades opositivas e puramente relativas e negativas, só adquirindo valor a partir das diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras. O mesmo vale para a escrita, em que as letras funcionam pela sua oposição dentro de um sistema definido.

O último ponto de vista seria o do signo total. Para Saussure, os dois pontos de vista anteriores permitem afirmar que “na língua só existem diferenças” (Saussure 2006: 139), já que não existem nem ideias nem sons pré-existentes, mas sim apenas diferenças conceituais e fônicas resultantes da língua como sistema que, quando entram em relação negativa adquirem valor; o que há ao redor do signo importa mais do que o signo em si, pois é a partir dessa relação que o sistema se organiza. Segundo Saussure (2006: 139)



A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação.

No que diz respeito à relação negativa no interior do sistema, Saussure deixa claro que só será verdade ao tomar o significado e o significante separadamente, já que a união entre eles (o signo tomado em sua totalidade) é algo positivo, apesar de cada qual, a sua parte, ser puramente diferencial e negativa. Dessa forma, comparados entre si – os termos positivos – não se pode falar em diferença, pois esse termo aplica-se a duas imagens acústicas ou a duas ideias, mas sim em distinção: dois signos são distintos entre si, ou seja, entre eles existe apenas oposição.

Tais considerações permitem concluir que um sistema linguístico constitui-se por uma série de diferenças de sons combinadas a uma série de diferenças de ideias. Por sua vez, a união dos sons e das ideias forma o signo linguístico que irá adquirir valor na relação de oposição que estabelece com os outros signos do sistema. “*A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade*” (Saussure 2006: 141).

### **As leituras intermediárias**

Conforme Françoise Gadet (1996), o modo de organização dos elementos de uma língua em um dado momento é uma noção

fundamental do CLG. Saussure postulou a noção de sincronia pensando, justamente, em um estado de língua determinado por um período de tempo, em que os falantes teriam a plena consciência desse sistema linguístico.

No CLG, o conceito de sincronia mostra-se fundamental para Saussure, pois permite estabelecer a diferença entre a linguística histórica – a qual vinha sendo feita até então com grande tradição na Europa – e a linguística sincrônica proposta pelo mestre genebrino, em que se estudaria um estado de língua e as relações entre elementos coexistentes e de onde se excluiria a intervenção do tempo já que o sujeito falante se encontraria diante de um estado de língua. A diferença entre linguística evolutiva/histórica e linguística sincrônica é essencial para a teoria do valor, uma vez que os valores só serão determinados dentro de um estado momentâneo e conforme a relação que estabelecem com as outras unidades do sistema.

Dessa forma, segundo Gadet (1996), o *status* teórico da sincronia predomina sobre o da diacronia, pois apenas os fatos sincrônicos são acessíveis à consciência do sujeito falante e a faculdade de criar a significação é, portanto, qualidade essencial de um fato sincrônico. A distinção entre sincronia e diacronia é um dos pontos mais originais da teoria saussuriana, pois subverte profundamente a atenção destinada ao estado e à mudança. Os comparatistas do final do século XIX e do início do século XX interessavam-se, sobretudo, pela mudança, considerando a linguística

uma disciplina histórica, cuja tarefa seria estudar as transformações das línguas.

Gadet (1996) lembra que Saussure não negligenciou de maneira alguma a linguística histórica, pois a própria constitui a essência de sua obra publicada. O que o mestre genebrino fez foi alterar o ponto de vista sobre o objeto de estudo – a língua – reservando à diacronia um lugar secundário, já que a diacronia nada mais é do que a sucessão de sincronias (passagem de uma sincronia à outra).

A noção de valor, pois, depende do conceito de sincronia, posto que para analisar o funcionamento dos elementos no interior do sistema, deve-se perceber as relações que eles mantêm entre si em um determinado momento. O sistema saussuriano, para Gadet (1996), não é uma soma de elementos preexistentes, mas o conjunto das relações que constituem os elementos, e é nesse sistema que se estabelecem os valores. A autora reafirma a proposição posta no CLG de que a língua é forma e não substância, uma vez que uma unidade não adquire valor pelo o que é (sua substância), mas por ser o que outra unidade não é, o que permite afirmar que o sistema funciona em relação a ele mesmo e que, na língua, não há senão diferenças.

No que concerne à relação *valor X significação*, Gadet (1996) afirma que Saussure se opõe a uma concepção de língua que veria o signo como uma unidade fechada nela mesma. Se assim fosse, não se teria a noção de valor, mas apenas de significação, já que esta se passa no interior do signo entre o significado e o significante. O valor surge da dependência que os signos têm uns dos outros, estabelecendo

relações entre si, dessa forma, o valor torna possível a significação e é, portanto, determinante para ela. Gadet (1996) considera a teoria do valor o ensinamento saussuriano mais radicalmente inovador em relação à linguística de sua época, pois postula que apenas a resistência de outras unidades limita uma unidade. A noção de valor permite a afirmação de que a língua é forma e não substância, presente no CLG, estando de acordo com os ensinamentos saussurianos de que um sistema de valores não é formado por materiais fônico-acústicos e semânticos, mas dá forma a esses elementos criando, assim, unidades linguísticas.

Claudine Normand em seu artigo *Saussure: une épistémologie de la linguistique* (2007), diz que a teoria saussuriana tem um valor epistemológico, visto que Saussure manifesta uma exigência dessa ordem em todos seus textos e, também, metodológico já que o mestre genebrino postulou uma teoria da *linguística*, a fim de mostrar aos linguistas da época o que eles realmente deveriam fazer ao adotar o objeto de análise língua. Outros estudiosos de Saussure, como Ludwig Jäger (2003), ao contrário, acreditam que a questão saussuriana não era de saber como estudar metodologicamente a linguagem, mas sim de definir qual espécie de objeto se tratava, constituindo, assim, um estudo sobretudo epistemológico. Essas informações mostram-se importantes, pois evitam que a teoria saussuriana seja reduzida, como muitos ingenuamente o fazem, ao funcionalismo estruturalista.

Saussure rompeu com a epistemologia da época ao propor um novo método para o estudo da língua. Para isso, estabeleceu os

princípios e os critérios aplicáveis na prática dos linguistas, criando uma epistemologia para e da linguística. Esse método serviria para mostrar aos linguistas como analisar os dados que há anos estavam sendo acumulados pelos estudos comparatistas. Dessa forma, Saussure impôs um novo olhar que marcou época criando o que se chama hoje de as ciências da linguagem.

Normand (2007) afirma que a teoria do valor está diretamente ligada à proposição saussuriana de que a língua não é uma nomenclatura, uma vez que é uma forma e não uma substância. Segundo a autora, Saussure não pretende resolver esse fato, muito menos dá-lo como encerrado, ele pretende, muito mais, destacá-lo como “um problema mal colocado” (Normand 2007: 12). Conforme a autora,

[...] a troca figurada nas delimitações recíprocas de unidades produz valores, isto é, ligações arbitrárias entre significantes e significados e relações, contingentes, mas reguladas em um sistema, entre as unidades. (Normand 2007: 13)

Dessa maneira, os valores das unidades independem do seu suporte material (assim como as peças do jogo de xadrez, famosa analogia presente no CLG), colocando em evidência o caráter formal do sistema reduzido a um jogo de relações. Sendo assim, os elementos da língua só adquirem valor (realidade concreta) em seu uso social em um determinado estado de língua, em que são significativos para os sujeitos falantes.

Em outro texto de sua autoria – *Saussure* (2009) – Normand diz que a arbitrariedade do signo é responsável por definir o sistema linguístico, pois é no jogo, enquanto funcionamento formal, que se instaura o sujeito falante e seu exercício de domínio do sistema. O princípio da arbitrariedade do signo permite ao linguista demonstrar que a língua não é uma convenção, mas sim uma herança passada por gerações anteriores imposta ao sujeito falante, já que este não pode mudá-la sozinho, pois a língua é uma instituição social compartilhada por uma comunidade de falantes.

Na leitura de Normand, “tudo é arbitrário na língua” (Normand 2009: 65), seja a ligação entre significado e significante que define o signo, sejam as relações entre signos com as quais se constitui um enunciado, contudo o signo só é arbitrário porque é social, imposto por regras que ninguém pensa em discutir; a língua é um produto complexo demais para que alguém pense em transformá-lo deliberadamente.

Dessa forma conclui-se que não se pode isolar as formas, mas admitir que elas só podem ser apreendidas em suas relações com outras e mais, que elas só existem, do ponto de vista linguístico, nessas relações. Ou seja, Normand (2009) reafirma o pensamento saussuriano de que na língua só há relações. Saussure reduz a língua a um jogo de formas que só são significantes (só adquirem valor) a partir desse jogo. Diferentemente de Gadet (1996), a qual entende que os valores são relativos porque a ligação é arbitrária, Normand (2009) postula que *valor* e *arbitrário* servem mutuamente de fundamento um

para o outro e que a língua, como sistema, supõe o valor como nuclear. Para a autora, o conceito de valor resume e reúne a contribuição de *arbitrário*, *social* e *sistema*, constituindo o pivô da semiologia e o cerne de toda a teoria saussuriana.

### **O CLG como um deformador do pensamento saussuriano original**

Diferentemente de Claudine Normand e Françoise Gadet, Simon Bouquet – outro grande estudioso de Saussure – não lê o CLG como um texto original capaz de refletir a genialidade do mestre de Genebra. Ao contrário, para o autor, o CLG deforma substancialmente o pensamento saussuriano em muitas de suas passagens. Por isso Bouquet busca incessantemente um “verdadeiro Saussure”, a fim de colocar em contraste com o texto de 1916 que, segundo ele, não passa de uma “vulgata” escrita por Bally e Sechehaye – tomando por base os cadernos dos alunos dos cursos de linguística geral – os quais não prestaram a devida atenção ao caráter fragmentário e ambíguo do pensamento em formação de Saussure.

Segundo Bouquet, em seu artigo *De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais* (2008), a divergência mais acentuada entre o CLG e os textos originais diz respeito ao próprio fundamento da epistemologia saussuriana – o objeto da linguística. O autor esclarece que a famosa frase final do CLG de que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por

si mesma” não corresponde a nenhum enunciado de Saussure, sendo acrescentada por Bally e Sechehaye com a intenção de deixar o CLG com um caráter pedagógico ao responder a pergunta – essa sim formulada por Saussure – de qual seria o objeto da linguística.

Bouquet afirma em sua tese, *Introdução à leitura de Saussure* (1997) – e pode-se perceber isso por meio da leitura dos *Escritos de linguística geral* (2002) – que Saussure pretendia tratar de uma linguística da fala em seu terceiro curso, mas que isso não foi possível devido à morte precoce do professor. Para Bouquet (1997), os editores não só excluem essa informação do CLG, mas também prejudicam seriamente a noção de fala, criando uma hierarquia entre língua e fala. Essa visão forneceu matéria inautêntica às críticas dirigidas à linguística saussuriana, que formulam que Saussure excluiu completamente o sujeito falante de sua teoria quando, na verdade, é ele que conduz boa parte da teoria, pois é somente pelo sujeito falante que se tem acesso a uma sincronia. Nos *Escritos de linguística geral* (2002), Saussure afirma que

[...] uma palavra só existe verdadeiramente, de qualquer ponto de vista que se adote, pela sanção que recebe, a cada momento, *daqueles que a empregam*. É isso que faz com que ela difira de uma sucessão de sons, e que difira de uma outra palavra, mesmo composta da mesma sucessão de sons. (grifos nossos) (Saussure 2002:76)

Segundo Bouquet (1997), os estudos de Saussure a respeito do sentido foram muito importantes, pois o mestre genebrino sentia falta de uma teoria geral do sentido capaz de constituir um domínio



científico unificado. Para Bouquet (1997), os editores negam a importância que Saussure dedicou à questão do sentido, enquanto afirma que “toda a epistemologia linguística saussuriana por ser considerada como a exposição fundadora de uma ciência do sentido” (Bouquet 1997: 215). Dessa maneira, é a semântica que habita o que está essencialmente em jogo no projeto epistemológico saussuriano, e essa semântica pretende tratar tudo o que entra na composição do sentido, sendo apresentada como uma gramática geral do sentido baseada no princípio do valor.

De acordo com Bouquet (1997), o conceito de arbitrário é importante na teoria de Saussure porque sustenta o conceito cardial de sua epistemologia – o de valor. Segundo o autor, 9 entre os 16 casos em que há menção ao arbitrário no CLG, os editores não perceberam a ambiguidade da palavra *signo*, que ora designava *entidade linguística global*, ora designava *significante*. Logo, os editores entendem arbitrário somente em relação ao *significante/significado* e não em relação ao sistema, quando, na verdade, tem-se o arbitrário interno do *signo* – que pode ser tomado pelo *significante*, pelo *significado* e pela própria relação – e o arbitrário sistêmico que é relativo ao corte realizado por um *signo* na substância à qual ele dá forma. Esse grau encerra dois fatos arbitrários distintos: o arbitrário do sistema fonológico e o arbitrário do sistema semântico. Segundo Bouquet (1997),

Ao arbitrário do sistema fonológico pode ser dada a seguinte definição: é arbitrário – ou seja, contingente a uma língua – que o número de significantes e as características

distintivas dos significantes dessa língua sejam o que são [...] O arbitrário do sistema semântico se deixa definir da seguinte maneira; é arbitrário [...] que o número de significados e as características distintivas dos significados dessa língua sejam o que são (sendo essa propriedade a da *especificidade semântica*). (Bouquet 1997: 235-236)

Para Bouquet (1997), a teoria do valor estaria igualmente “deformada” no CLG, já que nos textos originais o termo *valor* designa uma pluralidade de fatos independentes, enquanto no CLG apenas o valor *in absentia* é apresentado. O valor *in absentia* diz respeito ao valor interno – entre significante e significado, o qual pode ser considerado em três pontos de vista: o significado é o valor desse significante, o significante é o valor desse significado e o significante e o significado são simultaneamente o valor um do outro – e ao valor sistêmico (fonológico ou semântico) do signo, em que o valor é a contrapartida dos termos coexistentes. O valor *in absentia* procede do arbitrário interno e do arbitrário sistêmico. Uma leitura atenta do CLG possibilita ao leitor compreender a teoria do valor *in absentia*. Já o que Simon Bouquet traz de original em sua tese é a possibilidade de uma teoria do valor *in praesentia*, segundo ele, negligenciada pelos editores e separada do capítulo a respeito do valor linguístico. Segundo o autor, o valor interno e o valor sistêmico são destinados a se conjugar para fazer surgir o fato do valor *in absentia* que, por sua vez, deve entrar em conjunção com o fato do valor proveniente da sintagmação para construir o valor semântico. O valor *in praesentia* abrange tudo o que a sintaxe estuda na linguagem, ou seja, uma teoria abrange tudo o que é da competência do caráter linear da produção

linguística. Talvez por esse motivo Saussure tenha dado ao caráter linear do significante (por mais evidente que essa característica do significante possa parecer) o lugar de segundo princípio do signo linguístico, atrás, apenas, da arbitrariedade do signo.

Dessa maneira, Bouquet (1997) atribui à teoria saussuriana um outro valor, agora proveniente da relação da língua com a fala, o que corrobora a sua ideia de que Saussure nunca hierarquizou língua e fala, conforme muitos dos críticos de Saussure afirmam. Essas críticas se devem ao fato de os editores terem atribuído à língua um valor superior, a fim de instituir o objeto da linguística.

Finalmente, seja qual for o ponto de vista adotado ao estudar a teoria saussuriana – menos ou mais extremista em relação à validade do texto de 1916, editado por Bally e Sechehaye – não se pode negar a originalidade do pensamento do mestre genebrino ao romper com a epistemologia vigente na época instituindo, assim, o campo das ciências da linguagem. Tanto a leitura do CLG como das fontes manuscritas provam essa genialidade e devem ser lidas nas suas particularidades e na sua história, uma auxiliando e servindo de paradigma para a outra, levando em conta o fato de estar-se lidando com um pensamento em formação e, por isso, sujeito a falhas, a reformulações terminológicas, a dúvidas e a ambiguidades.

## Referências bibliográficas

BOUQUET, Simon. 2009. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. *Letras & Letras*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, n. 25, p. 161-175.

\_\_\_\_\_. 1997. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix.

COLOMBAT, B; FOURNIER, J-M; PUCH, C. 2010. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris, Klincksieck.

GADET, Françoise. 1996. *Saussure: une science de la langue*. Paris: PUF.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. 2007. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: Roberto Leiser BARONAS (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores.

JÄGUER, Ludwig. 2003. La pensée épistémologique de F. de Saussure. In: *L'Herne: Saussure*. Paris: Éditions de L'Herne.

NORMAND, Claudine. 2009. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade.

\_\_\_\_\_. 2007. *Saussure: une épistémologie de la linguistique*. Séoul: Atas de Colóquio, Trad. Daniel Costa da Silva.

SAUSSURE, Ferdinand de. 2006. *Curso de linguística geral*. 27. Ed. São Paulo: Cultrix.

\_\_\_\_\_. 2002. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix.